

Capítulo 1

Momento *A felicidade não se compra*

Que impacto uma bola emplumada de meio quilo provoca no mundo? Para mim foi doloroso descobrir. Por isso escrevo a história da vida de uma ave singular, uma história que começa pelo final.

“Morre papagaio inteligente. Emotivo até o fim”, dizia a manchete da seção de ciência do *New York Times* de 11 de setembro de 2007, um dia após o anúncio da morte de Alex pela nossa assessoria de imprensa. “Conhecia cores e formas, tinha aprendido mais de cem palavras da língua inglesa”, escreveu Benedict Carey, “e marcou presença em programas de televisão, reportagens e relatórios científicos como sendo, talvez, a mais importante ave falante.” Carey também citava Diana Reiss, minha amiga, colega de profissão e especialista em comunicação de golfinhos e elefantes: “O trabalho revolucionou a nossa maneira de pensar o cérebro das aves. No passado, de maneira pejorativa, mas hoje olhamos esses cérebros — pelo menos o de Alex — com algum respeito.”

Também me vi dizendo a mesma coisa para jornais, revistas, emissoras de rádio e diversos canais de televisão em entrevistas que me assolaram durante aqueles primeiros dias. Quando me perguntavam: “O que Alex tinha de tão especial para tanto alarido?”, eu respondia: “Era uma ave com um cérebro do tamanho de uma noz capaz de fazer coisas que as crianças pequenas fazem.” Era uma verdade científica conhecida por mim havia muito tempo e que só naquele momento começava a ser aceita. Mas isso de nada ajudava em minha devastação pessoal.

Alguns amigos vieram de Washington D.C. naquele primeiro fim de semana para garantir que eu não ficasse sozinha e me alimentasse, ou pelo menos tentasse descansar. A cada minuto, a cada hora, a cada dia eu agia ligada no piloto automático, fazendo o que tinha de fazer mas sem dormir e arrasada pela dor. E em meio a isso, a exposição pública. Claro que estava preparada, se bem que não de todo. Tinha consciência de uma inevitável repercussão pública pelas muitas entrevistas que dava e que pareciam não ter fim. Mas parecia que era uma outra pessoa que estava envolvida ou então tudo me soava irreal. Tocava o telefone e eu acionava o modo “entrevista”, respondendo às perguntas como muitas vezes respondera quando Alex realizava alguma coisa que atraía a mídia, ou seja, de forma puramente profissional. Dessa vez, no entanto, sentia-me dilacerada entre uma entrevista e outra.

Na ocasião todos os grandes jornais fizeram a cobertura da morte de Alex, evidenciando suas extraordinárias habilidades cognitivas e o trabalho que fizemos juntos. Até a venerável revista científica britânica *Nature* comentou o assunto na matéria “Adeus a um papagaio famoso”. “Pepperberg já publicou dezenas de artigos científicos sobre as habilidades verbais, matemáticas e cognitivas de Alex”, escreveu David Chandler, “e ambos já apareceram em diversos programas de televisão e em publicações populares.” E acrescentou: “Nesse processo transformaram o entendimento das pessoas sobre as habilidades mentais dos animais não-humanos.” (Uma amarga ironia: quando comecei a trabalhar com Alex três décadas antes, submeti um artigo à *Nature* sumariamente descartado sem ao menos ter sido lido... exatamente como um outro que enviei mais recentemente.)

Se me mostro um tanto quanto ausente ao lembrar de todo esse reconhecimento público é porque na verdade eu estava assim na ocasião. Quanto mais era informada sobre os diversos artigos que eram publicados — assiduamente enviados para mim pelos meus amigos —, mais me sentia indiferente em relação às suas mensagens. Sim, eu estava ocupada com a tarefa de enfrentar e suportar a passagem dos dias, ocupada com as entrevistas, ocupada com o laboratório. Mas ao mesmo tempo praticamente não conseguia ouvir o que se dizia. Esperara por anos que os feitos de Alex fossem inteiramente reconhecidos, mas, quando isso aconteceu, eu estava distante, sem poder ver e ouvir com clareza. Pelo menos não de imediato.

Nos dias e nas semanas que se seguiram à morte de Alex fui surpreendida por múltiplos tsunamis, à minha volta e dentro de mim, ao mesmo tempo que me esforçava para lidar com assuntos práticos, atender telefonemas, tomar providências e tudo mais, simplesmente devido à importância de Alex. Mas em meio a tudo isso a minha mente era um só turbilhão: o que fazer do laboratório? O que fazer da pesquisa? O que fazer de tudo que nós criamos? O que fazer de mim?

De repente me sentia como se estivesse no meio do movimento acelerado de um daqueles amontoados caóticos e anuviados que vemos no cinema. Só que o conceito de amontoado de nuvens transcendia a imagem física do caos e se tornava uma realidade que virava de cabeça para baixo tudo o que eu sabia, ou pensava que sabia, sobre minha vida.

E surpresa era realmente o termo adequado, mesmo sendo uma palavra tão simples para comunicar o verdadeiro peso

do seu significado. A sensação de perda, dor e abandono que rasgou o meu coração e a minha alma por ocasião da morte do meu colega de meio quilo e meu companheiro por três décadas teve uma intensidade jamais esperada e jamais imaginada. Uma vasta torrente de amor e carinho sempre limitada por uma sólida represa durante todo aquele tempo irrompeu de súbito, e o dilúvio de emoções varreu toda a razão que encontrou pela frente. Nunca sentira uma dor como aquela e nunca derramara tantas lágrimas. Espero nunca mais passar por isso.

Só agora percebo que acabei de dizer que uma grande torrente de emoções foi represada por três décadas, como se tivesse empregado uma outra pessoa para fazer o trabalho, algo como um fornecedor, Controlador de Emoções S.A. É óbvio que eu era a única que tinha o controle o tempo todo. Minha decisão. Meu plano. Minha implementação. Mas me tornei tão boa na execução deste plano de distanciamento emocional que os sentimentos entre mim e Alex estavam fora do alcance da vista, invisíveis até para mim, para além das sólidas montanhas da objetividade científica. De todo modo, na maior parte invisível. Na maior parte fora do alcance da vista.

De repente noto que o que acabo de dizer talvez faça pouco — ou nenhum — sentido para muitas pessoas e quem sabe até pareça um pouco tolkienesco. Mas a verdade é que existe alguma coisa do universo de Tolkien na jornada de trinta anos que Alex e eu trilhamos: as lutas, os triunfos iniciais, os recuos e os feitos inesperados e quase sempre surpreendentes. E, claro, a separação prematura. Tudo isso, inclusive o fundamento lógico da criação de uma represa emocional, será desenrolado no decorrer

deste livro. Penso que o tsunami interno que vivenciei depois que Alex me deixou e viajou para o lugar que muitos chamam de “Ponte do Arco-íris” foi um choque sísmico da emoção reprimida, emoção agora livre. Sim, sempre tive um carinho especial por Alex, sempre me referi a ele como o meu amigo próximo e sempre o tratei com a mesma afeição e respeito que dispensamos a qualquer amigo mais chegado. No entanto, para manter a objetividade científica, também tive de manter o meu distanciamento. Agora já não há mais ciência envolvida, pelo menos com Alex, e já não preciso manter a objetividade.

Em 28 de setembro, apenas três semanas após a morte de Alex, viajei para Wichita, no Kansas, e me hospedei no Hyatt Regency. Estava lá para um evento de angariação de fundos para a The Alex Foundation agendado muitos meses antes da morte de Alex. Haveria uma pequena reunião, um coquetel onde conheceria alguns doadores especiais e depois um jantar para um número maior de pessoas, finalizado por uma palestra minha. Era um evento que se destinava aos entusiastas de papagaios.

Durante anos vinha fazendo o mesmo tipo de palestra por todo o país. Eu sempre apresentava as realizações mais recentes de Alex, dentro de um contexto com suas outras habilidades, de modo que a audiência tivesse um quadro maior dos feitos dele, e depois respondia às perguntas. Eram seminários sempre vibrantes, positivos e inspiradores. Sentia-me confortável nesses eventos e nunca precisava quebrar a cabeça pensando no que diria. Aquilo fazia parte de mim. Ao sair de Boston achei que daquela vez não seria diferente e que faria o que estava acostumada. Ledo engano. Ao chegar em Wichita já não me sentia tão segura. À noite já sabia

que seria impossível e que teria de fazer algo diferente. Afinal, era a minha primeira palestra após a morte de Alex.

Durante o coquetel todos foram muito gentis e solidários comigo e, no jantar, não foi diferente. O cenário ficou por conta da elegância do Hyatt e da excelente refeição que serviram. Na hora da palestra, me levantei da mesa, olhei para todos aqueles rostos voltados para mim e pensei: o que vou falar? Não tinha anotações, mesmo tendo decidido que a palestra seria inteiramente nova, diferente de tudo que eu tinha feito. Achei melhor deixar as coisas fluírem e ver o que acontecia. Comecei então a falar dos milhares de e-mails e cartas recebidos e citei alguns dos sentimentos expressados pelos remetentes. Falei dos antigos alunos que tinham escrito para dizer quanto o trabalho com Alex lhes influenciara na carreira e nas escolhas existenciais e que admiravam a minha força para enfrentar as dificuldades e superar as diferenças. Falei do clima aconchegante daquele dia e que nunca havia me sentido como uma mulher forte.

Enquanto falava, em alguma parte da minha mente acontecia uma espécie de sublimação mais ou menos consciente, uma crescente cristalização do verdadeiro significado do extravasamento de minha emoção e do reconhecimento público. Ao mesmo tempo me ouvia recontando as histórias daqueles que haviam dito que Alex mexera com suas vidas e os ajudara em momentos dolorosos. Li o longo e-mail de Wren Grahame que dizia que Alex era um milagre que trouxera um outro milagre para ela, comentando o tanto que me sentira tocada por esse e-mail quando o li pela primeira vez. Falei sobre os artigos do New York Times e dos outros jornais, sobre o obituário da revista Economist, sobre a

matéria da Nature e sobre todas as outras coberturas com elogios às realizações de Alex (e minhas) no decorrer dos anos.

Para mim aquele dia de final de setembro tornou-se um momento de sobrecarga emocional. Não cheguei a chorar, mas as lágrimas estiveram presentes o tempo todo, a ponto de muitas vezes interromper o que estava dizendo. Avistava lágrimas em cada mesa daquele salão. Em meio a tudo isso, tomei consciência de algo que amadurecera no decorrer das semanas seguintes à morte de Alex: o que nós dois tínhamos feito acabou trazendo coisas importantes para o mundo e para a vida das pessoas.

Era uma tomada de consciência importante porque, apesar dos feitos de Alex, tanto ele quanto eu fomos bastante caluniados ao longo dos anos. Muitos podem pensar que uma cientista formada e pós-graduada em Harvard, que atuou em diversas universidades, arregimentaria um número expressivo de defensores, mas a minha condição feminina, aliada ao trabalho com uma ave, por vezes mostrava-me o contrário. Algumas pessoas argumentavam que Alex não passava de um mero imitador de vozes humanas e que não pensava. Outros diziam que os meus argumentos sobre o cérebro animal eram vazios. Uma negatividade que tinha grande peso sobre mim, abalando minha autoconfiança e minha autoestima. Durante trinta anos me senti dando cabeçadas na parede.

E de repente aquele peso parecia se dissipar. Histórias como as de Wren Grahame e Deborah Younce e muitas outras me tocaram, evidenciando o impacto que Alex e eu provocáramos na vida das pessoas. Até então não havia reparado nisso. Acabei chamando essa tomada de consciência de *A felicidade não se compra*.

ALEX & EU

No filme de mesmo nome, de 1946, George Bailey (interpretado por Jimmy Stewart), um desimportante bancário em algum lugar no meio dos EUA, está tão deprimido pelo que ele considera uma vida sem sentido que resolve suicidar-se na véspera de Natal. George está prestes a se jogar nas águas geladas de um rio quando é impedido por Clarence, um anjo de segunda categoria que ainda precisa obter suas asas. Clarence faz George assistir a cenas de sua própria vida, mostrando como as mais insignificantes ações cotidianas ao longo dos seus anos tinham ajudado muitas e muitas pessoas de um modo que sequer desconfiava. Naquele momento em Wichita percebi que meu Clarence eram as mensagens de todas as pessoas maravilhosas que me permitiram enxergar algo que durante todo o tempo esteve presente e eu não conseguia ver: o trabalho realizado por mim e Alex não fora em vão.

Uma epifania que me fez reconsiderar a minha própria história — e também a de Alex — desde o início.
